



Com 374 mil habitantes, Ceilândia completa hoje 21 anos com um perfil diferente de uma década atrás. Miséria e violência já não são os componentes principais da satélite

Micro enriquece Ceilândia ^{DF}

Empresas de fundo de quintal mudam perfil da satélite, que completa hoje 21 anos

Eliane Trindade

De cidade-dormitório, Ceilândia, que completa hoje 21 anos, chega à maioridade como pólo produtor de riquezas. A transformação teve como impulso as pequenas indústrias instaladas nos fundos de quintais. Antenas parabólicas, equipamentos odontológicos, móveis, calçados, confecções "made in Ceilândia" são atualmente comercializados não só no Distrito Federal, como em outras regiões do País, inclusive São Paulo. A Associação Comercial e Industrial de Ceilândia (Acic) calcula que existam mais de 800 indústrias estabelecidas nos fundos de residências e o mesmo número constituídas formalmente, além de sete mil estabelecimentos comerciais.

A vocação industrial e comercial da satélite tem relação com o esgotamento do setor público em absorver mão-de-obra. "A industrialização foi a alternativa para geração de empregos que nos possibilitou inverter a imagem de cidade-albergue", afirma o presidente do Sindicato das Micro e Pequenas Indústrias do DF, Álvaro Pereira, que é empresário do setor moveleiro, com indústrias instaladas em Ceilândia. Para ele a satélite já ganhou vida própria e só as autoridades não perceberam". Pereira sente que falta apoio e estímulo para a expansão das atividades produtivas na cidade.

Falta espaço

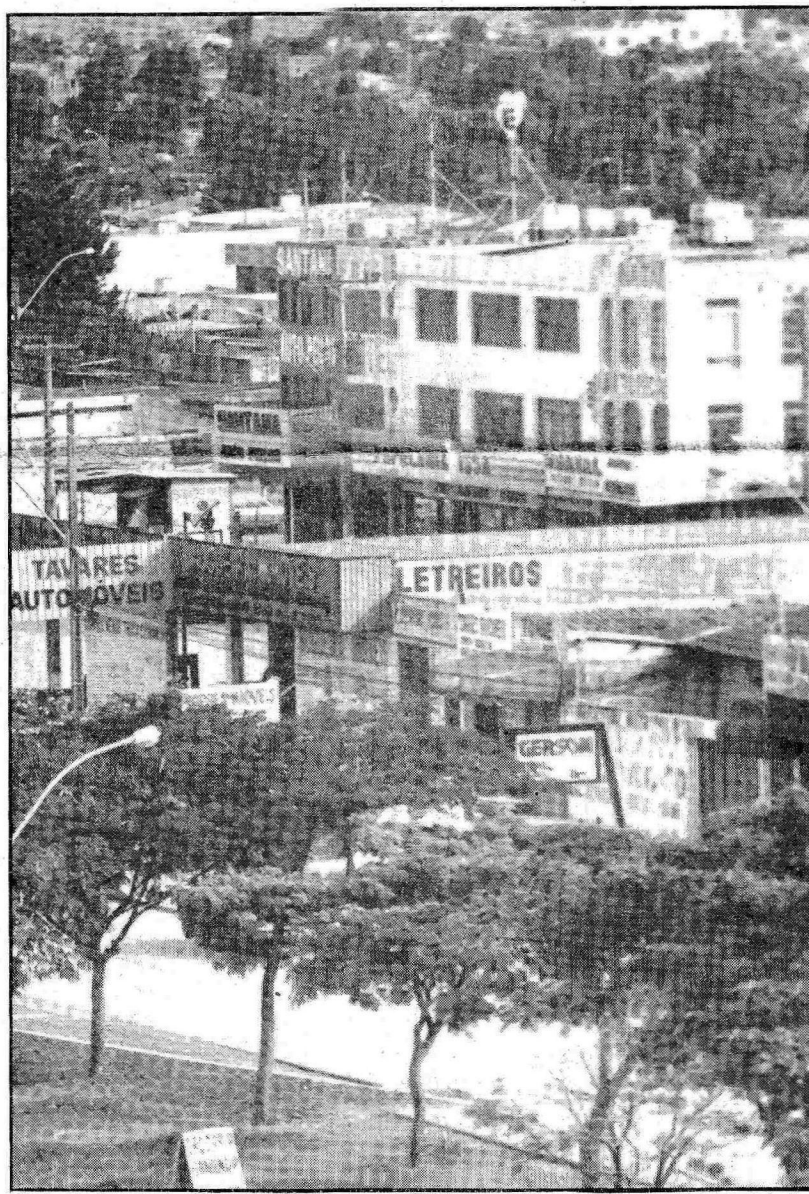
A potencialidade do empresário local vem esbarrando na falta de áreas para o crescimento das indústrias, segundo avaliação do presidente da Acic, Ilton Ferreira Mendes. "O nosso maior problema é a falta de espaço que nos dê condições para produzir e crescer",

diagnostica. Outro empecilho é o zoneamento da cidade que impede a legalização das empresas familiares que funcionam em áreas residenciais. "A nossa vontade é transformar Ceilândia numa grande fábrica, mas esbarramos nos dois problemas, cujas soluções dependem de vontade política", afirma Mendes.

Para o empresariado, o 21º aniversário da satélite é o momento ideal para mudanças. "Queremos nossa carta de alforria, precisamos de liberdade e autonomia para podermos atender às peculiaridades de Ceilândia", defende o presidente da Acic, fazendo referências à norma do Plano Diretor de Brasília, válida também para as cidades-satélites, que não permite a dupla destinação de áreas. Com isso, as indústrias de fundo de quintal não podem receber alvará de funcionamento e estão na clandestinidade. A situação se complica ainda por não contarem com a possibilidade, nem condições, para se transferirem para áreas industriais.

Não atrapalhar

O secretário-adjunto de Indústria, Comércio e Turismo, Evandro Kalume Pires, disse que nos próximos 30 dias o GDF vai solucionar o impasse. "Primeiro vamos acabar com o zoneamento, possibilitando a dupla utilização das áreas residenciais e também vamos criar a área de expansão econômica para novas indústrias, comércio e prestação de serviço". Ele disse ainda que "o Governo não vai mais atrapalhar, nem ser um fator impeditivo ao crescimento industrial da satélite". Para tanto, a Secretaria firmou convênio com a Universidade de Brasília para ouvir a comunidade e traçar um perfil da economia, formal e informal, na Ceilândia.



Já não há espaço para as 1.600 empresas expandirem os negócios